



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**UMA ANÁLISE ACERCA DO HOMEM E DA RELIGIÃO NA INTRODUÇÃO DA
OBRA A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO DE LUDWIG FEUERBACH.**

MARCOS VINÍCIUS OLIVEIRA ROCHA

BRASÍLIA
2013.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**UMA ANÁLISE ACERCA DO HOMEM E DA RELIGIÃO NA INTRODUÇÃO DA
OBRA A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO DE LUDWIG FEUERBACH.**

MARCOS VINÍCIUS OLIVEIRA ROCHA

Orientador: Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula

**BRASÍLIA
2013.**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**UMA ANÁLISE ACERCA DO HOMEM E DA RELIGIÃO NA INTRODUÇÃO DA
OBRA A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO DE LUDWIG FEUERBACH.**

MARCOS VINÍCIUS OLIVEIRA ROCHA

Monografia apresentada como requisito parcial
de conclusão do curso de Graduação em
Filosofia da Universidade de Brasília.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço a Deus pela conclusão desse trabalho, assim como aos meus pais Joaquim e Adilina pelo constante apoio e atenção dados a mim até os dias de hoje, que com toda certeza foram fundamentais para que pudesse ter conseguido chegar a esse momento. Agradeço também aos meus irmãos Vitor e Poliana. Ele por sempre me demonstrar que pela calma, paciência e dedicação conseguimos não somente superar as dificuldades, mas também realizarmos aquilo que realmente queremos.

Agradeço também a Maria de Fátima, minha tia, que pelo seu jeito de ser me mostra como a gratuidade e a atenção, são elementos essenciais para aqueles que se dedicam ou se dedicarão ao contexto educacional, sejam eles tanto a educação básica ou o ensino superior.

Agradeço ainda a Adriana, que pela sua ternura, companhia e incentivo me acompanha durante todas as fases “das filosofias”.

Não poderia também deixar de externar meus agradecimentos ao Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula, pela competência, orientação atenciosa, disponível e prática durante o projeto e a monografia, que muito me auxiliaram.

Por fim, agradeço aos colegas e professores do curso de Filosofia da Universidade de Brasília, que durante esses anos de estudos me proporcionaram valorosas reflexões por meio de suas opiniões e posicionamentos em relação ao conhecimento filosófico.

**“Quando te afundas em profundas reflexões,
esquecendo-te de ti e do que está à tua volta,
és tu que dominas a razão ou não serás tu
dominado e absorvido por ela?”**

Ludwig Feuerbach

RESUMO

O objetivo desse trabalho é contribuir no estudo do pensamento feuerbachiano, sob a perspectiva de que tanto a essência do homem quanto a da religião não estão ligadas ao transcendente, ao divino. Para tal, analisar-se-á e se apresentará a compreensão da natureza do homem e da religião a partir do pensamento desenvolvido pelo filósofo alemão do século XIX, Ludwig Feuerbach, notadamente na introdução de sua obra *A Essência do Cristianismo*.

Palavras Chave: Homem, Religião, Essência, Cristianismo, Teologia, Filosofia.

ABSTRACT

The target of this monograph is contribute to the study of feuerbachian's thinking, under the perspective that the religion's essence and the human's essence are not connected to the transcendent, to the divine. For this, will be analyzed and showed the understanding of the human's and religion's nature as from the thinking developed by German philosopher of XIX century ,Ludwig Feuerbach, notably, on his book "The essence of Christianity".

Keywords: Man, Religion, Essence, Christianity, Theology, Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1.....	6
A ESSÊNCIA DO HOMEM EM GERAL.....	6
1.1 Religião e Consciência	6
1.2 A essência do homem: razão, vontade, coração	8
1.3 A relação do sujeito com o objeto	13
CAPÍTULO 2	17
A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO EM GERAL	17
2.1 A compreensão feuerbachiana da religião	17
2.2 A religião como negação do homem	21
2.3 A concepção feuerbachiana da humanidade de Deus	23
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo analisar como o filósofo alemão Ludwig Feuerbach desenvolve seu pensamento sobre a natureza do homem e da religião e como ele compreende tal assunto. A pesquisa, propriamente dita, terá seu embasamento na introdução da obra *A Essência do Cristianismo*, uma vez que, nela, Feuerbach também apresenta sua concepção sobre as naturezas acima citadas. Vale ressaltar que o termo natureza aqui utilizado será analisado sob as perspectivas supramencionadas, não sendo, entretanto, prioridade do trabalho, a análise da natureza em seu sentido mais amplo.

Os capítulos da primeira parte da referida obra, assim como alguns trabalhos realizados por comentadores do filósofo alemão, irão auxiliar no desenvolvimento teórico da monografia como uma forma de fonte secundária. Não terão, pois, a mesma proporção em relação ao núcleo central da pesquisa, ou seja, a introdução do livro *A Essência do Cristianismo*.

A estrutura da presente pesquisa compreenderá: uma introdução, dois capítulos e uma conclusão. O primeiro capítulo abordará a natureza do homem segundo Feuerbach. Já o segundo estará, fundamentalmente, relacionado à concepção feuerbachiana acerca da religião. A conclusão ratificará, a partir das considerações estabelecidas no primeiro e segundo capítulos, que para o pensador alemão, tanto a essência do homem como a da religião não estão ligadas a um plano referencial transcendente, divino.

É perceptível na primeira parte da obra *A Essência do Cristianismo* que tanto o homem como a religião são temas recorrentes, pois estes constituem ideias centrais constantemente correlacionadas. Mas, essa relação já pode ser vislumbrada também no prefácio e na introdução da obra.

No prefácio de *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach já delimita os temas que passarão a obra, a saber: religião e cristianismo, teologia e filosofia especulativa da religião. Além disso, demonstra que o livro contém elementos críticos a serem estabelecidos à filosofia da religião positiva ou da revelação. Porém, tais elementos não estarão fundamentados na filosofia da religião da mitologia cristã e tampouco na filosofia especulativa da religião.

Para este pensador, a filosofia da religião, na concepção da mitologia cristã e a filosofia especulativa da religião não são os meios a partir dos quais se possam obter os elementos críticos para uma filosofia. Isso porque enquanto a filosofia especulativa da religião sacrifica a religião à filosofia, a mitologia cristã sacrifica a filosofia à religião. Feuerbach sobre essa questão assim enfatiza:

A filosofia especulativa da religião sacrifica a religião à filosofia, a mitologia cristã a filosofia à religião; aquela faz da religião um juguete do arbítrio especulativo, esta faz da razão um juguete de um materialismo religioso fantástico; aquela apenas deixa a religião dizer aquilo que ela própria pensou e diz muito melhor, esta deixa a religião falar em vez da razão; aquela, incapaz de sair de si, transforma as imagens da religião nos seus próprios pensamentos, esta, incapaz de se voltar para si, transforma as imagens em coisas.¹

Ainda no prefácio, Feuerbach destaca que, embora afirmem a diferença específica entre filosofia e religião ambas são idênticas. Nesse sentido, aponta três razões que confirmam sua constatação em relação à identidade entre filosofia e religião. A primeira deve-se ao fato de que quem pensa e crê é um e o mesmo ser; a segunda estabelece que as imagens da religião exprimem, ao mesmo tempo, um modo de pensar. A terceira, por sua vez, elucida que cada modo de crer é, simultaneamente, um modo de pensar.

No entanto, essas tentativas de estabelecer identidade entre filosofia e religião não evitam alternativas que buscam traçar a diferença essencial entre ambas. As possibilidades que enfatizam a diferenciação essencial entre filosofia e religião evidenciadas no prefácio de *A Essência do Cristianismo*, são especificamente duas.

A primeira possibilidade esclarece que a diferença entre filosofia e religião está ligada ao fato de a fé não prescindir da razão natural, pois esta parte do pressuposto de ser universal, de ter leis universais; ao passo que a fé está no âmbito do particular. A fé, na visão de Feuerbach, assim como é apresentada no prefácio da obra em questão “*é uma soma de verdades, particulares, de privilégios e isenções particulares, é, portanto uma razão particular*” (FEUERBACH, 2001, p. 3).

Já a segunda diferença entre filosofia e religião deve-se, sobretudo, à questão da religião ser entendida como algo pessoal, imagem, ou seja patologia psíquica. Aqui aparece um segundo indício sobre o modo como Feuerbach entende a religião. A religião, uma vez ligada a fatos estritamente particulares e pessoais, de alguma maneira terá um impacto na teologia.

¹ FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. 2ª. ed. Fundação Calouste Gulbekian, 2001. p.1

Quando a religião é vista como imagem, assim enfatizará o pensador alemão:

Ora, neste livro, as imagens da religião não são transformadas nem em pensamentos – pelo menos na acepção da filosofia especulativa da religião- nem em coisas, mas são consideradas como imagens, isto é, a teologia não é tratada nem como pragmatologia mística, como faz a mitologia cristã, nem como ontologia, como faz a filosofia especulativa da religião, mas como patologia psíquica.²

Embora seja o cristianismo um dos assuntos estudados por Feuerbach, ao qual se opõe criticamente, ele esclarece que o alvo da sua crítica não é o cristianismo do seu tempo, mas sim o cristianismo clássico. Isto porque no cristianismo do seu tempo, chamado por ele de cristianismo moderno, ainda é fortemente presente a ideia do sobrenatural; realidade esta que, para o pensador, há muito já tinha sido superada dentro da religião cristã. A respeito dessa questão assim ele se posiciona:

O cristianismo moderno não tem quaisquer outros testemunhos para mostrar senão *testimonia paupertatis*. O que ele talvez ainda possui – não o possui por si – pois vive de esmolas de séculos passados. Se o cristianismo moderno fosse um objeto digno da crítica filosófica, o autor poderia ter poupado o labor de reflexão e de estudo que o seu livro lhe custou. [...] Mas embora a “infinita liberdade e personalidade” do mundo moderno se tenha apoderado da religião cristã e da teologia, a ponto de a diferença entre o espírito santo, como produtor da revelação divina, e o espírito humano, como consumidor, há muito ter sido suprimida, embora o conteúdo do cristianismo, outrora sobrenatural e supra-humano, tenha sido há muito totalmente naturalizado e antropomorfizado, a nossa época e a nossa teologia continuam, no entanto, dada a sua hesitante mediocridade e falta de caráter, a ser assombradas pela essência sobrenatural e supra-humana do velho cristianismo, pelo menos como um fantasma na cabeça.³

No tocante ao homem, Feuerbach seguirá uma maneira oposta à que se habituou a pensá-lo, sobretudo devido à influência do pensamento cristão em relação a esse tema. O cristianismo, com a sua doutrina acerca da criação, defende que o mundo, e consequentemente o homem provém de Deus. Nessa perspectiva, a natureza do homem é essencialmente divina, sobrenatural.

Ora, uma doutrina assim não somente demonstra que o mundo tem um início e um criador, mas também é propensa a estabelecer relações entre Deus e o homem, que marcam a vida deste. Essas relações, na perspectiva feuerbachiana, são negativas, pois o homem, sempre em relação a Deus, será inferiorizado e diminuído. Inferioridade esta do homem, se comparada, principalmente, aos predicados divinos que se atribuem a Deus, os quais elucidam que Deus é criador, sumamente bom, perfeito, infinito e santo. Ao passo que o homem, obra de Deus, é criatura, mau, imperfeito, finito e pecador.

² Ibidem, p. 4

³ Ibidem, p. 5-6

No que diz respeito à questão sobre a criação da natureza, Feuerbach divergir do cristianismo, ao afirmar que a natureza não pode ser pensada como algo criado pela inteligência de Deus. Para o filósofo, a natureza é, antes, o fundamento da inteligência, não tendo, portanto, ela mesma um fundamento. Dessa forma, o pensamento feuerbachiano seguirá uma interpretação natural sobre o processo de criação da natureza.

Quanto à essência do homem, Feuerbach seguirá a mesma linha de raciocínio. De acordo com o filósofo alemão, tal essência está ligada a dimensões naturais, caracterizadas por ele como perfeições da essência humana e forças supremas e denominadas razão, amor e força da vontade. Assim sendo, emerge no pensamento feuerbachiano um alvorecer antropológico que escapa à fundamentação em bases estritamente sobrenaturais, divinas e religiosas.

A pesquisadora e tradutora portuguesa Adriana Veríssimo Serrão, na apresentação do livro *A Essência do Cristianismo*, expõe que ele se situa em uma época em que a reflexão filosófica tem um ponto de intersecção com os questionamentos de temas de cunho teológicos. Para ela, essa obra, além de ser um dos textos fundamentais do pensamento do século XIX, constitui também referência essencial na interpretação do fenômeno religioso contemporâneo.

Serrão ainda enfatiza que a publicação de *A Essência do Cristianismo* consagra Feuerbach, elevando-o ao primeiro plano da vida cultural alemã e européia, mesmo reconhecendo que o filósofo alemão já gozava de certa evidência no meio intelectual de seu tempo.

A pensadora ainda aponta que, com a publicação da obra em 1841, teses contidas na obra, que versavam sobre superação da oposição entre Deus e o homem, bem como a revelação de que os conteúdos da religião, outrora entendidos como sobrenaturais, são estritamente naturais e humanos; geraram um certo furor entre os teólogos da época.

Conforme Serrão, houve teólogos que, ao se depararem com tais conteúdos consideraram-no ímpio, blasfemo, infame e infernal. Já outros teólogos debelaram-se, denunciando lacunas e fragilidades argumentativas estabelecidas por Feuerbach em relação a determinados temas.

Os escritos do filósofo alemão Ludwig Feuerbach geralmente são divididos em três blocos: escritos juvenis, escritos da segunda fase e os escritos da maturidade. Essa

cronologia foi aqui levantada com vistas a esclarecer que o livro *A Essência do Cristianismo*, cujo o respectivo trabalho se orientará, notadamente, em sua introdução, se encontra na segunda fase do desenvolvimento intelectual de Feuerbach.

Por fim, vale ressaltar que o que me impulsionou a ter como objeto de estudo, nesta monografia, o pensamento feuerbachiano em relação ao homem e à religião foram as reflexões compartilhadas na disciplina de História da Filosofia Contemporânea, oferecida pelo Departamento de Filosofia e ministrado pelo Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula, momento em que fui apresentado à temática filosófica do pensador Ludwig Feuerbach.

CAPÍTULO 1

A ESSÊNCIA DO HOMEM EM GERAL

O estudo acerca do homem, sob o ponto de vista filosófico, é um assunto amplo e não pode ser entendido como algo simples, uma vez que, no decorrer da história da filosofia, diversos modos de compreender o homem foram e ainda são apresentados. Os manuais de filosofia mais populares geralmente registram uma análise do homem, depois do período pré-socrático, perpassando, assim, não somente a época antiga, mas também a medieval, moderna e contemporânea.

No entanto, não se pode esquecer que refletir sobre o homem não é uma tarefa tão-somente da filosofia. Outras áreas do conhecimento também se debruçaram no estudo antropológico e, com isso, apresentaram suas particulares perspectivas em relação ao homem. Ludwig Andreas Feuerbach, filósofo alemão do século XIX, também engajado na reflexão antropológica e filosófica, desenvolverá sua análise em relação ao homem mas sem perder de vista o modo que a religião cristã (teologia), a modernidade e o idealismo alemão de seu tempo conceberam o ser humano. Ele, estudioso e crítico da teologia e dos sistemas filosóficos, também apresentou sua concepção antropológica, colaborando com mais um elemento para o enorme desafio que significa entender o homem.

1.1 Religião e consciência

Feuerbach, ao iniciar sua reflexão sobre a essência do homem na obra *A Essência do Cristianismo*, apresenta duas características peculiares deste. Ambas marcam a diferença entre o ser humano e o animal, sendo que a primeira é a religião e a segunda é a consciência, mas a consciência em sentido estrito. De acordo com o referido filósofo, a religião distingue o homem do animal, por ela ser pertinente somente ao ser humano, não tendo, dessa forma, o animal a dimensão religiosa.

A consciência, em sentido estrito, é o outro marco da distinção entre o homem e o animal. Isso porque, uma vez que, ela sendo inerente aos homens e não aos animais, faz com que o ser humano tenha, como objeto, o seu gênero e essência, ao passo em que os animais, por terem somente consciência de si, não podem ter, como objeto, o seu gênero e essência.

Assim sendo, os animais, por não possuírem consciência em sentido estrito, seriam apenas objetos para si.

Por um lado, Feuerbach salienta que essa diferenciação entre o homem e o animal, a partir da consciência em sentido estrito estipula modos de vida distintos entre eles. Para o filósofo alemão, o homem, enquanto possuidor da consciência em sentido estrito, teria uma vida externa e interna. Já o animal, na posse somente da consciência de si, teria apenas uma vida externa.

Por outro lado, vemos que Feuerbach não distingue consciência em sentido estrito e religião como a relação entre o homem e o animal. Draiton Gonzaga, esclarece que isso ocorre por dois motivos: primeiro, a essência humana é o fundamento da religião; segundo, a essência humana é o objeto da religião. Mais detalhadamente, podemos ver sua argumentação acerca da identidade entre consciência e religião na filosofia feuerbachiana.

Feuerbach quer mostrar, desta forma, em primeiro lugar, que a religião tem como pressuposto a consciência em sua especificidade e que, portanto, a essência humana é o fundamento da religião. Mas, além disso, se a consciência é o fundamento da religião somente em sua especificidade humana, isto é, enquanto tem como objeto seu próprio gênero, resulta que a essência do homem, em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião, pois a consciência, como fundante da religião, leva em si o objeto, é autoconsciência, consciência do gênero.⁴

Sendo assim, mediante a identidade entre consciência e religião, defendida por Feuerbach, podemos perceber que, quando ele enfatiza que a religião, numa expressão geral, é entendida como consciência do infinito, isso só é possível porque o homem tem uma essência infinita. Pois, caso contrário, a religião não seria entendida como consciência do infinito, haja vista que o objeto, do qual o homem tem consciência, é determinado pela sua essência.

A identidade que Feuerbach estabelece, entre consciência e religião, pode ser vista também como um meio de superar a oposição existente entre o homem e a sua essência, tal como propõe a religião. Para o filósofo alemão, é um modo peculiar e inicial na religião, sobretudo na cristã, que a essência do homem seja algo diferente dele, ou seja, o homem tem uma essência que ele denomina Deus, a qual lhe é oposta.

A religião apresentada dessa forma é caracterizada pelo filósofo alemão, no capítulo um da primeira parte da obra *A Essência do Cristianismo*, intitulado *Deus como lei ou como essência do entendimento*, como sendo a cisão do homem consigo mesmo. Caracterização, esta, que fica mais clara quando, ao se relacionar com Deus, o homem

⁴ SOUZA, Draiton Gonzaga. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 2 ed. Edipucrs, 1994, p. 45

sempre se coloca em um nível inferior, como por exemplo: Deus é perfeito, infinito e eterno e o homem é imperfeito, finito, e temporal.

Vemos assim que Feuerbach muito mais do que querer apresentar traços que delimitam a diferença específica entre homens e animais, demonstra que a religião é fundamentalmente humana, tendo sua origem na consciência humana.

Contudo, para além das reflexões estabelecidas, acerca da diferenciação entre o homem e o animal, e da identidade entre religião e consciência apresentadas por Feuerbach, é preciso não perder de vista que a caracterização por ele realizada sobre a essência do homem passa ainda por dois pontos que, neste capítulo, serão abordados: o primeiro deles é a demonstração da essência genérica do homem: a razão, o amor e a vontade; o segundo é a relação entre o sujeito e o objeto.

1.2 A essência do homem: razão, vontade, coração

Feuerbach destitui o homem como pertencente a uma essência transcendente, sobrenatural e divina, e o coloca como proveniente de uma essência genérica, ao propor a razão, o amor e a vontade, como fundamentos da essência humana. Mesmo pensando a essência a partir do próprio homem, pode-se notar que sua concepção ainda carrega algumas singularidades contidas na dimensão religiosa, uma vez que ele atribui, à essência do homem, noções tais como perfeição absoluta, trindade divina e poderes divinos. Sobre essa questão, ele assim diz:

Mas o que é então a essência do homem, da qual ele tem consciência, ou o que constitui o gênero, a humanidade propriamente dita no homem? A razão, a vontade o coração. A um homem completo pertence a força do pensar, a força da vontade, a força do coração. Razão, amor e força da vontade são perfeições essenciais absolutas.⁵

Todavia, a contribuição sobre a qual se pode notar na filosofia feuerbachiana – e, com isso afastar a ideia de que ele é um pensador ambíguo, por retomar traços religiosos e sobrenaturais, outrora dispensados para a essência do homem – é que, mesmo estando presentes na sua concepção antropológica aspectos “religiosos”, estes não são vistos como teológicos. Diferentemente das abstrações de sistemas filosóficos de seu tempo e da teologia,

⁵ FEUERBACH, L. *Op.cit.* 2001. p.11

estas que, em suas especificidades, restringem-se em analisar o homem, mediante especulações abstratas, sobrenaturais, misteriosas e extramundanas, Feuerbach se propõe trazer à tona a concepção de homem real, tal como ele se encontra no mundo concreto, isto é, ser sensível, objetivo e natural, determinado no tempo e no espaço.

Um outro ponto no qual podemos perceber o aporte de Feuerbach, no que diz respeito ao homem, é que para ele a essência humana, diferentemente de como se afirma na religião, tem um fim em si mesmo. Acerca dessa questão, ele assim se posiciona:

Mas aquilo que é o fim último de um ser é também o seu verdadeiro fundamento e origem. Mas qual é o fim da razão? A razão. Do amor? O amor. Da vontade? A liberdade da vontade. Pensamos para pensar, amamos para amar, queremos por querer, isto é para sermos livres. Um verdadeiro ser é um ser que pensa, ama e quer. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si. E tal é o amor, tal a razão, tal a vontade.⁶

Feuerbach quer, mais precisamente, enfatizar com isso, que no que diz respeito à essência do homem, o que está acima, e além dele, não é a concepção de um Deus, mas sim a própria essência do homem. E que, enquanto na religião cristã e em alguns sistemas filosóficos, enfatiza-se uma cisão entre o homem e a sua essência, e a busca do homem por uma vida eterna e feliz em um outro mundo junto a sua essência; para esse pensador, o homem não deve buscar uma vida eterna feliz em um outro mundo, mas sim a liberdade e felicidade nesse mundo em que vive.

O filósofo alemão faz, ainda, outra importante consideração. Para ele, além de a razão, o amor e a vontade constituírem o que o homem é, essas *forças supremas* agem em conjunto e atuam distintamente em áreas da vida humana. Nesse sentido, afirma que: “*a força do pensar é a luz do conhecimento, a força da vontade a energia do caráter e a força do coração corresponde ao amor.* (FEUERBACH,2001, p. 11).

O pensamento desse filósofo, sobre o homem, além de expressar sua concepção do que ele seja, pode também demonstrar o modo como Feuerbach é, geralmente, conhecido. Pelo fato dele ter proposto um projeto com designações estritamente humanas e com isso trazer, para o homem, uma dimensão outrora conhecida como divina, fez com que ele ficasse conhecido como um filósofo ateu. Ou seja, o procedimento de negação de Deus, em Feuerbach, dá-se mediante sua ênfase na transposição do infinito ao finito, da presença transcendente e divina no homem.

⁶ Ibidem, 2001, p.11

Até o momento, pode-se perceber que a compreensão feuerbachiana, em relação à essência do homem estipulou que este não tem uma essência divina e sobrenatural, mas sim uma essência, predominantemente, humana visto que a razão, o amor e a vontade são poderes que determinam, dominam e animam o homem. Viu-se, também, que a essência do homem atua de maneira conjunta e independente, tendo em si mesmo seu fim último, assim como está acima do homem individual.

Com efeito, não se pode descartar que, por trás da concepção feuerbachiana acerca do homem, existe também toda uma discussão. Chegado a esse ponto, pode-se levantar a seguinte pergunta: qual circunstância levou Feuerbach a formular essa concepção de homem?

Para Adriana Veríssimo Serrão, à concepção a qual Feuerbach chega sobre o homem deve-se ao seu meticuloso exame crítico de uma tradição cultural e filosófica, que ele se propõe estudar; assim como, um acompanhamento de um diagnóstico e a superação da desumanização, empreendida ao homem. Sejam elas nas formas de teologia, metafísica, ciência e política. Serrão pormenorizadamente assim explica:

Em torno desta homologia se concentra todo um exame crítico de uma tradição cultural e filosófica, lida por Feuerbach como a história de um esquecimento e de uma marginalização, na qual o homem real teria sido “apenas um acessório, um acidente, um acaso da filosofia”. A mesma homologia permite acompanhar o diagnóstico e a superação das inúmeras formas de que a desumanização se revestiu e se reveste; seja a teologia que degrada o homem a condição de súdito de um senhor divino, a metafísica que o reduz a ser abstrato ou a ciência que o instrumentaliza como objeto; sejam ainda todas as formas de alienação ideológicas e de repressão política.⁷

Em sintonia com a elucidação destacada por Serrão, José Crisóstomo de Souza, aponta que o projeto da filosofia feuerbachiana em conceber o homem a partir de instâncias genéricas é motivado pelo seu ponto de vista contrário à da religião subjetivista e ao idealismo, pois Feuerbach trata de resgatar o que, para ele, é seu núcleo mais original, humano, ou seja a razão, o amor, a vontade, realidades deformadas pela fantasia, pela teologia e pela especulação. Souza assim sintetiza o seu pensamento:

Feuerbach desenvolve um ponto de vista filosófico humanista-comunitário, contra a religião “subjetivista”, enquanto trata de resgatar o que para ele é seu núcleo verdadeiro, humano, deformado pela fantasia, pela teologia, pela especulação. Tal núcleo seria justamente a “essência genérica”, amorosa e comunitária, dos homens, constituída por seus predicados mais nobres, suas potências supremas – a razão, o amor, a vontade – atribuídas a Deus no cristianismo. É tal essência humana genérica, recuperada, que deverá ser agora, no lugar de Deus e da religião, o

⁷ SERRAO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. p. 20-21

fundamento, real, terreno, objetivo e universal, para a moral, a política e a cultura, na modernidade, e para a crítica de suas deformações ou patologias.⁸

Dessa forma, constata-se que, junto à formação antropológica empreendida por Feuerbach, existe também toda uma crítica ao modo como a religião cristã e o sistema filosófico do idealismo concebiam o homem. A crítica dirigida à religião cristã será feita, por esta, na interpretação de Feuerbach, expressar características subjetivistas e egoístas em algumas de suas doutrinas.

Esse é o caso da ideia presente, no cristianismo de providência e criação, a partir do nada. Feuerbach, ao tratar desses temas, no capítulo nove, da primeira parte da obra *A Essência do Cristianismo*, apresenta a criação como sendo um produto da vontade de Deus. Entretanto, essa vontade está, antes, ligada à vontade da imaginação e da subjetividade de Deus, do que à vontade da razão de Deus.

A vontade, de acordo com o pensador alemão, pode fazer com que o mundo exista ou não. Estando a criação do mundo submetida à vontade, Feuerbach formulará uma tese, segundo a qual, “*a existência do mundo é por isso uma existência momentânea, arbitrária, incerta, ou seja, precisamente nula*” (FEUERBACH, 2001, p. 120).

Para esse filósofo, a criação a partir do nada expressa a onipotência. Porém, onipotência subjetiva e entendida como poder da imaginação ou poder do arbítrio, que, na sua expressão mais forte, é identificado como bel-prazer ou agrado.

Já a dimensão egoísta, à qual Feuerbach se reporta no cristianismo, deve-se ao fato de o cristianismo na visão deste filósofo, compreender a natureza pela perspectiva prática, ou seja, quando o homem submete a natureza à vontade e à necessidade, e não pela perspectiva teórica ou estética, que é quando a natureza é interpretada como um objeto belo; sem a necessidade de se perguntar por que ela existe, pois aqui a natureza “*tem em si mesma o fundamento da sua existência, e nele não nasce a questão de saber porque é que ela existe*” (FEUERBACH, 2001, p. 133).

Para o filósofo alemão, quando o homem se questiona acerca de como o mundo veio a existir, embasado no ponto de vista estético ou teórico, ele postula, como fundamento, algo real e presente que se confirma na sua intuição. Diferencia-se, assim, do viés religioso, o

⁸ SOUZA, José Crisostómo. “Feuerbach, crítica da religião, crítica da modernidade”. In : Eduardo F. Chagas, Deyve Redyson e Marcio Gimenes de Paula (Orgs.). *Homem e Natureza em Ludwin Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p 241.

qual interpreta a existência do mundo pela ótica da prática, colocando dessa maneira o mundo como um produto arbitrário.

Feuerbach elucidará, ainda, que o ponto de vista teórico em relação ao mundo é o ponto de vista da harmonia com o mundo. E que o ponto de vista prático é o ponto de vista da separação com o mundo. Ele sobre essa questão assim diz:

O ponto de vista da teoria é o ponto de vista da harmonia com o mundo. A atividade subjetiva, aquela na qual o homem se satisfaz e conserva para si um espaço livre, é neste caso apenas a imaginação sensível. Ao satisfazer-se, deixa ao mesmo tempo a Natureza existir e subsistir em paz, enquanto ele constrói os seus castelos no ar e as suas cosmogonias poéticas apenas a partir de matérias naturais. Em contrapartida, onde o homem se coloca apenas no ponto de vista prático e observa o mundo a partir dele, converte o próprio ponto de vista prático em ponto de vista teórico, cinde-se da Natureza, e faz dela a mais humilde serva do seu interesse egoísta, do seu egoísmo prático.⁹

De acordo com Feuerbach, a visão prática do mundo é egoísta e é caracterizada pelo pensamento, segundo o qual a natureza ou o mundo são produtos de uma ordem que é estipulada por Deus.

A ênfase dada por Feuerbach nesses aspectos da religião, os quais ele caracteriza como sendo subjetivista e egoísta, deve ser levada em conta, pelo fato de que esse modo presente na religião, de conceber a natureza, não se restringir somente ao plano da criação, podendo também se estender ao modo de concepção do homem. Tese também sustentada por Souza em seu texto ao afirmar que:

Para Feuerbach, judaísmo e cristianismo são monoteístas porque têm por meta apenas o eu absolutizado, e por fundamento o excludente e monárquico sentimento de si, em última análise, o egoísmo. E, na modernidade, o idealismo alemão, malgrado ele próprio, expressa, no plano filosófico, basicamente o mesmo vício do cristianismo e, sobretudo, sua deformação teológica. [...] É justamente essa subjetividade que se transforma, no idealismo alemão, na “consciência de si”, com a qual o indivíduo entende poder erguer-se, por si mesmo, e guardar em si mesmo, sozinho a mais plena autonomia e universalidade.¹⁰

A par da discussão referente à circunstância que colaborou na formulação da compreensão antropológica feuerbachiana, pode-se perceber que o seu propósito de conceber o homem a partir de uma essência genérica ganha mais intensidade quando ele enfatiza que o homem não pode opor nenhuma resistência a sua essência.

Isso porque a razão, a vontade, e o coração têm o poder de conduzir, auxiliar o homem a superar algumas limitações, bem como fazer com que este alcance um certo

⁹FEUERBACH, L. *Op.cit.* 2001.p.134.

¹⁰SOUZA, J. *Op.cit.* 2009. p. 245-246.

progresso interior. Essa caracterização aqui enfatizada sobre a essência do homem é apresentada dessa maneira na introdução da obra *A Essência do Cristianismo*:

Como poderia resistir ao sentimento o homem sentimental, ao amor o amante, á razão o homem racional? Quem não experimentou o poder esmagador dos sons? Mas o que é o poder dos sons senão o poder dos sentimentos? A música é a linguagem dos sentimentos- o som é o puro sentimento, o sentimento que se partilha. Quem não experimentou o poder do amor ou pelo menos, ouviu falar dele? Quem é mais forte? O amor ou o homem individual? Será o homem que possui o amor ou não será o amor que possui o homem? Quando o amor move o homem, mesmo para caminhar alegremente para a morte pela pessoa amada, é esta força que vence a morte a sua própria força individual, ou não será antes a força do amor? E quem foi aquele que pensou de verdade e não experimentou a força do poder do pensar, esse poder tranquilo e silencioso do pensar? Quando te afundas em profundas reflexões, esquecendo-te de ti e do que está á tua volta, és tu que dominas a razão ou não serás tu dominado e absorvido por ela? Não é o entusiasmo científico o mais belo triunfo que a razão celebra sobre ti? Não é o poder do impulso do saber um *poder absolutamente irresistível, que tudo vence*? E quando reprimes uma paixão, abandonas um hábito, em suma quando alcanças uma vitória sobre ti mesmo, é esta força vitoriosa a tua própria força pessoal, pensada por si mesma, ou não será antes a energia da vontade, o poder da moralidade que se apodera poderosamente de ti e te enche de indignação contra ti mesmo e as tuas fraquezas individuais?¹¹

1.3 A Relação Entre Sujeito E Objeto

A relação entre sujeito e objeto apresenta-se como mais um tópico que se faz presente na argumentação feuerbachiana, em torno de sua concepção antropológica. Vê-se que, para Feuerbach, o objeto é algo significativo na vida do homem, pelo fato de revelar a essência do homem, esteja esse objeto na dimensão espiritual ou dimensão sensível.

Diferentemente dos animais, que são apenas atraídos pelo poder de um objeto, o homem, ao se deparar com o objeto, estará sempre diante de sua essência. Esse fato colaborará para a tese feuerbachiana de que *“não podemos afirmar algo diferente de nós, sem nos afirmarmos a nós mesmos”* (FEUERBACH,2001, p. 14).

Estando evidente a essência do homem na relação com o objeto, Feuerbach irá, dessa maneira, endossar a tese de que não se pode sentir e ter consciência da essência como algo limitado, finito e imperfeito. Isso porque a essência do homem, além de ser algo perfeito, assentaria em uma ilusão e erro, caso fosse pensada como limitada, finita e imperfeita. Para esse filósofo, o entendimento que se tem, acerca da essência humana como limitada, finita e

¹¹FEUERBACH, L. *Op.cit.* 2001.p.12.

imperfeita é presente somente em alguns indivíduos, não podendo, assim ter um significado universal.

Esse pensador não descarta a possibilidade de o homem ser limitado, finito e imperfeito. Porém, só aceita essa possibilidade porque o homem teria como objeto a perfeição e a infinitude do gênero, ou, até mesmo, uma outra essência fora e acima dele. Ele ainda demonstra que é por causa da comodidade, da indolência, da vaidade e do egoísmo humanos, que muitas vezes afirma-se a limitação, a finitude e a imperfeição da essência do homem.

Feuerbach se opõe a esse modo de pensar a essência humana. E mediante sua interpretação da relação entre sujeito e objeto, busca assim afirmar a essência do homem não somente em dimensões infinitas e ilimitadas, mas também em dimensão objetiva. Ele assim diz:

Nenhum ser pode, portanto, nos seus sentimentos, representações e pensamentos, negar a sua natureza. Seja o que for que ponha- põe-se sempre a si mesmo. Se louvas a magnificência de Deus, louvas a magnificência da própria essência. Toda a admiração é, no fundo, auto-admiração, todo o elogio auto-elógio, cada juízo que emites sobre outra coisa um juízo sobre ti mesmo. Glorificar o que é glorioso é já glória, reconhecer e sentir virtudes de um outro é já virtude. [...] Por consequência, se pensas o infinito, pensas e confirmas a infinitude da faculdade de pensar; se sentes o infinito, sentes e confirmas a infinitude da sentir. O objeto da razão é a razão que se toma a si mesma com objeto, o objeto do sentimento o sentimento que se toma a si mesmo como objeto.¹²

Levada à dimensão religiosa, a concepção feuerbachiana de sujeito e objeto eliminará fundamentalmente a noção de Deus. Isso porque, também no âmbito religioso, se aplica a regra de que o objeto com qual o homem se relaciona, revela sua essência. Feuerbach sustenta essa tese na introdução da obra *A Essência do Cristianismo*.

Nela vemos que o filósofo alemão, tendo em vista a noção presente na religião cristã, de que sendo o sentimento o órgão essencial na religião, a essência de Deus expressaria a essência do sentimento, ou seja, Deus, aqui, não seria uma realidade abstrata, metafísica e de difícil compreensão, mas sim meramente algo humano, fruto de uma projeção do homem.

Para o pensador alemão, isso não aconteceria somente com o sentimento, uma vez que qualquer outra dimensão do homem, que fosse inserida na relação entre sujeito e objeto também expressaria a máxima de que o objeto, com o qual o homem se relaciona, revela a essência do homem. O capítulo doze - o segredo da fé , o segredo do milagre- da primeira parte do livro *A Essência do Cristianismo* trata essa questão.

¹²Ibidem, p.18.

A fé, vai nos dizer Feuerbach “*só se refere às coisas que objetivam a realidade do ânimo humano, dos desejos, em contradição com as barreiras, isto é, com as leis da Natureza e da razão*” (FEUERBACH,2001, p. 151). Tornando dessa forma o homem feliz, pois realiza seus desejos mais subjetivos.

Para esse filósofo, a fé, relacionada à subjetividade, faz parte da essência mais íntima da fé cristã. Isso porque ele percebe que aquilo que é entendido por fé está fundamentalmente relacionado à realização dos desejos do homem. Feuerbach utiliza-se dos milagres bíblicos sejam eles os do Antigo ou do Novo Testamentos, sobretudo os milagres da promessa da descendência feita a Abraão e os milagres realizados por Jesus Cristo como por exemplo: ressuscitar mortos, alimentar famintos, curar cegos entre outros, para dessa forma mostrar que a fé é inerente a satisfação dos desejos da subjetividade do homem.

O pensador alemão estabelecerá uma diferença entre os milagres fundamentados na fé subjetiva e os milagres operados pela natureza e razão natural, esclarecendo que é o modo e a maneira como o milagre na fé subjetiva se realiza que marca a distinção em relação ao milagre da natureza e da razão natural.

Pois, os milagres em decorrência da fé na subjetividade podem ser entendidos tanto como força milagrosa, atividade milagrosa e até mesmo como poder da imaginação, uma vez que estão relacionados a realização do desejo imediato e instantâneo do homem e visam também um fim específico, fato esse que motiva Feuerbach a dizer que esse é o segredo do milagre. Ao passo que os milagres do âmbito da razão natural ou da natureza, mesmo estando também voltados para os desejos do homem, de acordo com a perspectiva feuerbachiana correspondem à essência do desejo, tal como se pode perceber:

Mas o milagre distingue-se do modo de satisfazer desejos e necessidades humanas pela via natural e racional, ao satisfazer os desejos dos homens de um modo que corresponde à essência do desejo, do modo mais desejável. O desejo não está preso a nenhuma barreira, a nenhuma lei. É impaciente, quer ser cumprido sem demora, instantaneamente. E vede! Tão rápido como o desejo, é o milagre! A força milagrosa realiza os desejos humanos instantaneamente, de um só golpe sem qualquer impedimento. Que doentes sejam curados, não é milagre, mas que sejam curados imediatamente por um mero decreto, eis o segredo do milagre. Não é pelo produto ou pelo objeto que a força milagrosa produz- se a força milagrosa realizasse algo de absolutamente novo, nunca visto, jamais imaginado, até impensável, mostrar-se-ia de facto como uma actividade essencialmente diferente e ao mesmo tempo objetiva - , é só pelo modus, pela maneira como o faz, que a actividade milagrosa se distingue da actividade da natureza e da razão.¹³

¹³ Ibidem , p.154.

Contudo, vemos que Feuerbach crítica essa espécie de atividade milagrosa, alegando que ela é sem sentido e impensável pela razão dela estabelecer um fim aos desejos do homem, sem com isso estipular os meios necessários para realização desse fim, realidade essa que leva esse autor a enfatizar que “*antes de discutir se é possível que um milagre aconteça, que se mostre a possibilidade de saber se o milagre, isto é, o impensável pode ser pensado*” (FEUERBACH,2001, p. 155).

Feuerbach adotará a posição de que o milagre é algo que não pode ser pensado, suas circunstâncias para tal afirmação se devem porque para ele o milagre proporciona ao homem uma ilusão, assim como o milagre é algo do ânimo e da imaginação do homem, sendo que a outra ocasião se deve porque Feuerbach vê que é característica do milagre ser fugaz.

CAPÍTULO 2

A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO EM GERAL

Para o estudioso da religião Winston King¹⁴, a tentativa de se definir religião como algo que se distingue do restante da vida humana é uma peculiaridade ocidental. Para ele, essa realidade está também fortemente presente na cultura monoteísta do judaísmo, cristianismo e islamismo, de forma que estas tradições religiosas, mesmo quando degradadas culturalmente, são formadoras da visão de religião dicotômica ocidental. Distinção essa que, de acordo com ele, compõe a estrutura básica do teísmo, sobretudo nas relações entre o criador e sua criação, Deus e homem; afirma King.

Feuerbach, ao analisar os fundamentos da religião cristã e respectivas doutrinas que daí decorrem, reconhecerá nesta a mesma tese a qual se pode ver na perspectiva de Winston King, assim como apresentará outras elucidacões acerca da religião que a caracterizarão com algo fundamentalmente humano.

Outras análises sobre a religião terão teses semelhante à de Feuerbach, isto é, a percepção de que a religião antes de ser considerada tal como uma revelação divina e transcendente, onde o homem realiza uma experiência com um ser totalmente diferente e superior a ele, pode ser compreendida mediante fatores extras religiosos tais como: contextos sociais, econômicos, históricos e culturais nos quais a religião se expressa.

2.1 A compreensão feuerbachiana da religião

Para compreender a noção do que seja a religião à luz de Feuerbach, faz-se necessário termos em vista a argumentação deste pensador acerca da relação do sujeito com o objeto, tal como é elucidado por ele – a essência do homem é revelada nessa relação, esteja o objeto em um plano sensível ou espiritual.

¹⁴ KING, Winston L. *Religião* [Primeira Edição], in JONES, Lindsay (ed.) *Encyclopedia of Religion – Second Edition*. Chicago: McMilian, 2005, Tradutor: Agnaldo Cuoco Portugal (Brasília 2012). Pg. 7692-7701.

O filósofo alemão deixa claro que sua concepção do que venha a ser religião nada mais seja que a própria essência humana revelada em um plano transcendente na pessoa de um ser divino entendido como Deus. Ele sintetiza essa compreensão da religião na introdução do livro *A Essência do Cristianismo* da seguinte maneira:

O objecto do sujeito não é outra coisa senão a essência objectivada do próprio sujeito. Tal como o homem é objecto para si, assim Deus é objecto para ele; tal como pensa, tal como sente, assim é o seu Deus. Tal o valor que o homem tem, assim o valor – e não mais – que o seu Deus tem. A consciência de Deus é a consciência de si do homem, o conhecimento de Deus o conhecimento de si do homem. Pelo seu Deus conheces o homem e, vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus; é a mesma coisa. O que para o homem é Deus, isso é seu espírito, a sua alma, e o que para o homem é o seu espírito, a sua alma, o seu coração, isso é o seu Deus: Deus é o interior *revelado*, o si mesmo do homem expresso, a religião é o desvendamento festivo dos tesouros escondidos do homem, a confissão dos seus pensamentos mais íntimos, a *proclamação pública dos seus segredos de amor*.¹⁵

No entanto, Feuerbach mostra que o seu modo de pensar a religião, sobretudo quanto à relação entre sujeito e objeto, não é como realmente acontece na religião, propriamente dita. Isso porque é justamente pela falta de consciência de se pensar a religião dessa maneira que se apresenta a diferença específica desta.

Esse filósofo vai enfatizar que é uma peculiaridade da religião que nela, o homem lance para fora de si sua essência, antes de encontrá-la em si. Isso quer dizer que na religião a essência do homem começa a ser para ele como uma essência diferente. Feuerbach vê a progressão histórica da religião como um indício dessa concepção – de que a essência do homem seja algo distinto dele – uma vez que para ele, nas primeiras religiões essa distinção não existia. Enfatiza também que a religião posterior acusará as primeiras religiões de idólatras, por não estabelecerem uma distinção entre o homem e a sua essência, mas sim conceberem o homem e sua essência como equivalentes.

O pensador alemão salienta no que corresponde a progressão histórica da religião que “*cada progresso na religião é, portanto, um conhecimento de si mais profundo*” (FEUERBACH, 2001, p. 23). Destaca ainda a pretensão da religião posterior ao julgar a religião precedente como idólatra, alegando que isso seria um mecanismo para desvincular da religião posterior a compreensão de que nela não se aplica a tese de que a consciência que se tem do objeto religioso é a essência do homem revelada. Isso porque na dimensão da religião

¹⁵ Ibidem, 2001, p.22-23.

posterior afirma-se que o objeto sobre o qual o homem tem consciência, não é a sua essência, mas sim uma essência diferente, transcendente.

Sendo assim, Feuerbach elucida que uma de suas tarefas, no que diz respeito a religião, é mostrar que a oposição existente nela, entre o homem e sua essência, é uma ilusão, bem como defender que o conteúdo e objeto da religião cristã são inteiramente humanos, o que em última instância significa dizer que a teologia é antropologia.

Feuerbach começa apresentar sua argumentação para sustentar sua tese de que o conteúdo e objeto da religião cristã são inteiramente humanos, ao enfatizar que para ele não existe uma distinção entre o homem e sua essência, pois em sua concepção ambas coincidem. Ou seja, a essência do homem que a religião postula como sendo Deus, para Feuerbach não passa de dimensões humanas reveladas nesse ser superior.

A ideia de que as determinações da essência divina são determinações humanas, de acordo com esse filósofo, só serão aceitas na religião no que diz respeito aos predicados da essência divina e não ao sujeito destes predicados. Sabendo-se que, na religião, a determinação de Deus por predicados humanos pode ser considerada como irreligiosidade ou até mesmo ateísmo; afirma Feuerbach.

Para esse pensador, a religião quando auxiliada pela teologia, ao defender um Deus ausente de determinações, afirma assim, em seu âmbito, a ideia de um Deus apofático, realidade divina que, para Feuerbach, é proveniente da incredulidade moderna juntamente com a ideia, também pertinente dessa época, de um Deus incognoscível.

A religião, ao reconhecer Deus como incognoscível, sinaliza que ele já não desperta qualquer interesse para o homem, assim como é um meio por onde o homem disfarça seu esquecimento de Deus. Mediada pelo conhecimento teológico, a religião, ao não aceitar que os predicados determinem o sujeito dela, nega-se a si própria, da mesma forma que isso pode ser visto como um certo ateísmo. Feuerbach, sobre essa questão assim afirma:

Com a incognoscibilidade de Deus, o homem desculpa-se perante a consciência religiosa que ainda lhe resta, do que seu esquecimento, desculpa-se por se ter perdido no mundo; ele nega Deus na prática, pela ação – pois o mundo absorveu todos os seus sentidos e pensamento –, mas não o nega *teoricamente*; não discute a sua existência, deixa-a subsistir. Só que esta existência não o afecta nem o incomoda, é uma existência apenas *negativa*, uma existência sem existência, uma existência que se contradiz a si mesma – um ser que, pelos seus efeitos, não se pode distinguir do não-ser. A negação de determinados predicados positivos da essência divina não é senão uma negação da religião, que todavia ainda possui para si uma aparência de religião, para não ser reconhecida como negação – não é mais que um

subtil e astucioso ateísmo. A pretensa vergonha religiosa de com predicados determinados fazer de Deus um ser finito é apenas o desejo irreligioso de mais nada querer saber acerca de Deus, de o tirar dos sentidos.¹⁶

Vê-se, assim, que na religião a preocupação em não se determinar Deus pelos predicados se deve fundamentalmente por ela perceber que os predicados expressariam, dessa maneira, determinações finitas e humanas para uma essência compreendida como infinita e transcendente.

Feuerbach também apresenta outro modo, por onde se busca afastar de Deus, as determinações pelo predicado, ao afirmar que o homem, no âmbito da religião, estipula uma distinção entre aquilo que Deus é, em si, e aquilo que Deus é para o homem.

Entretanto, o pensador alemão defenderá que essa distinção é infundada e inconsistente, uma vez que a religião na sua concepção não realiza essa distinção, sabendo-se que os predicados atribuídos a Deus, vindos do homem, significam a essência de Deus, para Feuerbach. O que quer dizer que não há como estabelecer para Feuerbach, essa distinção entre aquilo que Deus é, em si, e aquilo que é para o homem.

A diferença entre aquilo que Deus é, em si, e como ele é para o homem só pode existir onde o objeto, em si, for realmente diferente do homem; realidade essa que não se aplica na religião, segundo Feuerbach. Pois, o objeto em si na religião, nesse caso Deus, para o pensador alemão, não aparece diferente ao homem, mas é tal qual o homem mesmo, através da mediação de sua autoconsciência e pela atividade do pensar.

Feuerbach salienta ainda uma última argumentação da religião, para afastar de Deus os predicados que lhes são atribuídos, afirmando que a religião veria nos predicados uma espécie de antropomorfismo. Motivo esse para se rejeitar, no interior da religião, os predicados estipulados a Deus, mas que Feuerbach, percebe não ser bem assim que realmente acontece na religião, uma vez que, nesta, o homem atribui a Deus imagens, personalidade e noções tais como amor, bondade, sabedoria, dentre outras.

Dessa forma, é possível perceber que a tese feuerbachiana no que diz respeito aos predicados da essência divina, de que eles são determinações humanas, ainda que a religião negue isso, e da relação entre o homem e o objeto religioso, onde o comportamento humano para com sua própria essência, que se dá a semelhança de Deus, ganha cada vez mais força no

¹⁶ Ibidem, 2001, p.25-26

momento em que Feuerbach percebe que o homem religioso atribui a Deus não só certas características, mas também sentimentos pelo fato dele também as possuir. Sobre essa questão, assim afirma esse pensador, na introdução da obra *A Essência do Cristianismo*:

Tu crês no amor como uma propriedade divina porque tu próprio amas; crês que Deus é um ser sábio, bondoso, porque não conheces nada de melhor em ti do que a bondade e o entendimento; e crês que Deus existe que é portanto um sujeito – o que existe é um sujeito, seja este sujeito determinado e designado como substância, ou pessoa, ou essência, ou de outro modo qualquer –, porque tu próprio existes, tu próprio és sujeito. Não conheces outro bem humano mais elevado do que amar, ser bom e sábio, tal como não conheces felicidade superior do que existir pura e simplesmente, do que ser sujeito; porque a consciência de toda a realidade de toda felicidade está ligada em ti à consciência de ser-sujeito, da existência.¹⁷

2.2 A religião como negação do homem

Feuerbach destaca que a religião, tal como se apresenta no mundo, dificilmente endossará a tese de que se os predicados divinos são determinações da essência humana, também o sujeito deles é de essência humana, uma vez que para esse pensador “*quanto mais humano é o sujeito divino na essência, tanto maior e aparentemente a diferença estabelecida entre Deus e o homem, tanto mais o humano, tal como é para o homem objecto da sua consciência, é negado*” (FEUERBACH, 2001, p. 32).

Vê-se, assim, surgir na argumentação feuerbachiana a ideia de que a religião expressa a negação do homem e a exaltação de Deus, porque de acordo com esse pensamento, a privação do homem pode estender-se desde o ato sexual ao próprio eu humano. Quanto a isso, Feuerbach elucidava:

O homem frui em Deus, num grau incomparavelmente mais elevado e mais rico, aquilo que afasta de si mesmo e de que se priva. Os monges elogiavam a castidade do ser divino, negavam o amor sexual em si, mas em compensação tinham no céu, em Deus, na Virgem Maria, a imagem da esposa – uma imagem do amor. Podiam prescindir tanto melhor da esposa real, quanto tinham como objecto do amor real uma esposa ideal, representada [...] Em suma, face a Deus, o homem nega o seu saber, o seu pensar, para por em Deus o seu saber, o seu pensar. O homem renuncia á sua pessoa, mas, em compensação, Deus é para ele um ser onipotente, ilimitado, pessoal; ele nega a honra humana, o eu humano, mas em compensação, Deus é para ele um ser egocêntrico e egoísta, que em tudo só se busca a si mesmo, a sua honra, o seu benefício.¹⁸

No entanto, para além das negações da pessoa, do saber, do pensar e do ato sexual, ressalta o filósofo alemão que a religião cristã também tem a capacidade de negar o

¹⁷ Ibidem, 2001, p. 29.

¹⁸ Ibidem, 2001, p. 32-33.

bem como propriedade da essência do homem, da mesma forma que nega que este não necessita da graça de Deus para se salvar. Teses estas que encontram respaldos nas doutrinas do cristianismo primitivo do Agostianismo e do Pelagianismo.

Sendo assim e tendo em vista que Feuerbach não adere à maneira como a religião cristã, apresentada no Agostianismo e no Pelagianismo, vê a relação entre Deus e o homem. Para ele, essas duas doutrinas expressariam alguma verdade somente se, no agostianismo “ *o homem tivesse o Diabo como seu Deus, se adorasse e celebrasse o Diabo como seu ser supremo, e isto com a consciência de que ele é o Diabo*” (FEUERBACH,2001, p. 35) ao passo que no pelagianismo “ *o homem negasse também em Deus a actividade moral, e dissesse, como o niilista ou panteísta oriental, que a essência divina é uma essência absolutamente desprovida de vontade e de acção, indiferente, que nada sabe acerca da diferença entre mal e bem*” (FEUERBACH,2001, p. 35-36).

Ao negar o bem como pertinente da essência do homem, a religião declara que ele é fundamentalmente mau, perverso e incapaz do bem, logo, somente Deus é o ser bom; reflete Feuerbach. Este filósofo enxerga aí, não somente uma incoerência como também aproveita essa ênfase apresentada na religião – no que diz respeito à negação do bem no homem – para estabelecer algumas críticas a essa postura da religião.

A incoerência, enfatiza esse pensador, está primeiramente na indiferença entre o sagrado e o homem e também no fato do sagrado ser objeto para o homem como oposto à sua personalidade, mas em unidade com sua essência. Já quanto às críticas, serão estabelecidas na perspectiva de que, se o homem tem uma essência diferente e oposta a ele, isso já seria um bom motivo para que aquilo que lhe é contrário e diferente não fosse pensando nem sentido pelo homem.

Feuerbach, diferentemente do modo de como é visto na religião a relação entre o homem e Deus, elucidará que no vínculo entre estes, as ações e intenções humanas também são objetos de Deus. O que quer dizer, que ele não desassocia Deus das ações humanas como faz a religião, ao propor Deus como o ser estritamente bom e o homem necessariamente mau, perverso.

No entanto, isso só será possível, na perspectiva desse filósofo, onde Deus age de modo humano; realidade essa que não se apresenta na religião cristã, segundo Feuerbach.

Esta, para ele, quando mediada pela teologia, sempre afirmará Deus como ser superior e divino, negando e privando cada vez mais as dimensões dos homens.

Para Feuerbach, quando a relação entre o homem e Deus se apresenta assim como é enfatizado na religião, isso caracteriza o ato de força de desprezo que se deve ter pela religião. Já quando Deus age de forma humana sem negar os sentimentos, vontades, fraquezas e angústias do homem, mas tornando-as seus objetos e participando delas, caracteriza-se de acordo com esse filósofo o ato de força da atração religiosa.

2.3 A concepção feuerbachiana da humanidade de Deus

A noção de um Deus humano é apresentada no pensamento de Feuerbach em uma primeira instância, mediante sua compreensão acerca da relação entre o homem e o objeto religioso. Nessa relação estipula-se que a essência do homem é revelada, assim como percebe-se também, que para ele, a questão dos predicados atribuídos a Deus fazem dele algo especificamente humano.

O apelo do filósofo alemão, voltado para a noção de um Deus estritamente humano, ganhará mais evidência e força quando ele interpretar determinadas doutrinas da religião e perceber que, nelas, Deus é um ser que corresponde às necessidades, vontades e sentimentos do homem. Ou seja, agindo assim plenamente de forma humana e não apenas como um Deus que se encontra separado e distante do homem, tal como muitas vezes se postula na religião com o auxílio teológico.

No capítulo três – *o segredo da encarnação ou deus como amor, como ser no coração* – da primeira parte do livro *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach apresenta uma tese que busca afirmar a noção de um Deus humano, distinto do Deus como se apresenta na religião, cuja interpretação teológica elucida um Deus com traços transcendentais até mesmo quando assume a dimensão humana.

A interpretação Feuerbachiana em relação à encarnação de Deus busca fugir de um viés interpretativo do Deus feito homem, como a mística e o dogma costumam interpretar. Sua concepção acerca da encarnação destrói a ideia mística – de que por trás da encarnação haveria um mistério especial – assim como reduz o dogma a seus elementos naturais, à sua origem interna, ou seja, o amor.

Pode-se ver que a encarnação de Deus liga-se ao fato de originar-se do amor, pois Deus se sensibilizou com as necessidades e misérias humanas. A constatação de que Deus sente as necessidades humanas, leva o filósofo alemão a afirmar que, se foi o amor que fez Deus se tornar homem, ele já era em si mesmo um Deus humano antes de se ter tornado homem de fato. Sobre essa questão, Feuerbach afirma:

Só que o Deus feito-homem é somente a manifestação do homem feito-Deus que se encontra sem dúvida por detrás da consciência religiosa; com efeito, a elevação do homem a Deus precede necessariamente a descida de Deus ao homem. O homem já estava em Deus, já era o próprio Deus antes de Deus se ter tornado homem.¹⁹

Dessa forma, tudo indica que para ele a encarnação também pressupõe a presença do fator humano, reafirmando implicitamente sua ideia de que a consciência de si do sujeito coincide com a consciência do objeto, neste caso com o objeto religioso.

A tentativa feurbachiana de interpretar a encarnação como algo fundamentado no amor tem os seguintes objetivos: expulsar do dogma sua inverdade e nulidade, suprimir a ilusão de que atrás da noção de encarnação se esconderia um segredo especial e, por fim, que Deus não é indiferente aos seres que o veneram.

A oração, segundo Feuerbach, é o meio onde se desvenda a encarnação, devido a Deus nela ser envolvido e participar de tudo aquilo que origina sua encarnação, ou seja, as misérias, fraquezas e sofrimentos humanos. Porém, Feuerbach ressalta que a teologia busca em certa medida negar essa visão acerca de um Deus que é passível ao homem e, assim ele esclarece:

A teologia, que tem e mantém firmemente na cabeça as determinações metafísicas do entendimento, como a impassibilidade, a imutabilidade a eternidade e outras determinações igualmente abstractas da essência nega decerto a passibilidade de Deus, mas desse modo nega também a verdade da religião.²⁰

Outra doutrina da religião cristã analisada por Feuerbach, que corresponde às suas expectativas de conceber um Deus inerentemente humano, é apresentada no capítulo quatro – *o segredo do Deus sofredor* – da primeira parte da obra *A Essência do Cristianismo*.

Feuerbach inicia esse capítulo analisando a tese levantada em “*o segredo da encarnação ou deus como amor, como ser do coração*” de que a fé no Deus que se fez homem por amor “*é a fé na verdade e divindade do coração humano*” (FEUERBACH, 2001,

¹⁹ Ibidem.2001, p. 51

²⁰ Ibidem 2001, p. 56

p. 61), assim como realiza uma análise acerca da religião cristã a partir da perspectiva do sofrimento.

Uma determinação essencial do Deus feito homem e que marca como um todo a religião cristã está ligada à noção da paixão, ou seja, o amor demonstrado na encarnação é confirmado pelo sofrimento e tem como essência o coração. Feuerbach, para sustentar essa constatação de que o amor se confirma pelo sofrimento, primeiramente estabelece uma analogia entre o modo de como os filósofos pagãos e os cristãos se relacionavam com Deus. Nesse sentido afirma que, enquanto os filósofos pagãos celebravam em seus deuses a espontaneidade da inteligência como atividade suprema, os cristãos santificavam o sofrimento.

Já a ideia de que a essência do amor é o coração, para Feuerbach, isso se deve ao fato de a história da paixão ser algo que comove o coração humano, assim como as ações do agente principal dessa história – Cristo – serem motivadas a partir da essência humana, do coração. Esse fato leva Feuerbach a afirmar que foi a partir da essência humana, do coração, que surgiu a melhor parte do cristianismo, isto é, a noção do amor.

O pensador alemão, ao que tudo indica, em relação à paixão de Cristo, aceita a ideia de que ele sofreu de livre vontade, de que não precisava sofrer caso não quisesse. Contudo, não recebe de bom agrado a teoria segundo a qual, enquanto homem, Cristo também era Deus, pois, para Feuerbach, quando isso é afirmado tudo aquilo que se falou acerca da paixão perderia sua verdade. Ele, sobre essa questão, assim se posiciona:

O fato de Cristo ser ao mesmo tempo Deus, Deus na acepção da religião ou da dogmática, é uma representação vaga, nula, fantástica. A impressão positiva, real, que exerce na cabeça e no coração a única impressão que exprime o conteúdo objectivo na sua verdade é a de que ele sofre livre vontade, que não precisava sofrer se não tivesse querido sofrer, que sofreu inocentemente, que sofreu pelos outros, que sofreu por livre amor. Ora um tal sofrimento está decerto acima do homem vulgar, mas não acima do homem em si, acima do verdadeira homem. Mas se, em contrapartida e simultaneamente com este sofrimento humano, penso no conteúdo supranaturalista, religioso ou dogmático, penso no Cristo que sofre ao mesmo tempo enquanto Deus, então toda a verdade se perdeu, então ele sofreu por assim dizer apenas num aspecto, mas não no outro - pois o que era para ele o seu sofrimento, para ele, enquanto Deus, enquanto consciente da sua atividade, da sua eternidade e beatitude celestial? – , o seu sofrimento era apenas um sofrimento para ele enquanto homem, não enquanto Deus, apenas um sofrimento aparente, não verdadeiro- em suma, uma mera comédia.²¹

²¹Ibidem. 2001, p. 63-64.

Feuerbach não se contenta com a ideia de que o sofrimento de Cristo expresse apenas um sofrimento moral e de amor, uma vez que para ele algumas atitudes de Cristo possibilitam vermos o seu sofrimento como uma “*autoconfissão da sensibilidade humana*” (FEUERBACH, 2001, p. 64).

Tanto o cristianismo como a religião, que se funda a partir deste, tem como ápice o sofrimento, segundo o pensador alemão, que interpreta que o sofrer é uma marca fundamental no cristianismo, alegando que, desde seus primórdios, a tônica do sofrimento era algo fortemente presente, sobretudo no culto que prestavam a Deus. Já o sofrimento detectado na religião é entendido por Feuerbach não só pela tendência existente na religião de utilizar ícones que expressam visualmente o sofrer, assim como pela aspiração ao sofrimento por parte de alguns de seus adeptos.

O filósofo alemão contesta a ideia acerca do sofrimento de Deus, defendida pela religião, alegando que desse fato se constata não o sofrer de Deus, mas sim o sofrer do coração. Acerca desse assunto, Feuerbach afirma:

Deus sofre apenas significa: Deus é um coração. O coração é a fonte, a soma, a soma de todos os sofrimentos. Um ser sem sofrimento é um ser sem coração. No entendimento, somos espontâneos; no coração, sofremos, isto é, sentimos. o segredo do Deus sofredor é, pois, o segredo da sensação. Um Deus que sofre é um Deus que sente, que é sensível.²²

Toda essa questão acerca do sofrimento destacada no âmbito da religião por esse pensador visa mostrar que tanto Deus como o homem têm a sensação como algo em comum. Para Feuerbach, a sensação pertence à essência do homem e, mesmo ela trazendo sofrimento e dor, o homem a sente como um poder e uma perfeição divina, pois somente aquilo que tem valor essencial para o homem pode ser considerado como Deus.

O desenvolvimento do pensamento feuerbachiano, em relação à sensação, mostrará ainda que a crença do homem em um Deus sensível é a crença naquilo que o homem é em sua essência – nesse caso, sensação- e não uma crença fundamentalmente em Deus. Feuerbach enfatiza ainda que, se um Deus sem sensação fosse apresentado ao homem, este não o aceitaria. Isso porque faltaria a esse Deus a sensibilidade que é essencial ao homem.

²² Ibidem. 2001p. 67.

CONCLUSÃO

Homem e religião, tal como foram descritos nesse trabalho, correspondem à análise e à compreensão do filósofo alemão Ludwig Feuerbach, sobre essas duas categorias, contempladas especialmente na introdução de sua obra mais disseminada, ou seja, *A Essência do Cristianismo*, desenvolvida a partir da perspectiva da segunda fase do pensamento desse filósofo.

Feuerbach discorre uma tese sobre essas duas realidades, o que leva a reforçar que ele assume não somente um papel de filósofo, mas também de exegeta, de historiador e de crítico no que diz respeito às maneiras como o homem e a religião foram entendidos e estabelecidos no decorrer da história, sobretudo pela ótica do cristianismo, e posteriormente pela teologia predominante no seu tempo.

Tanto o homem como a religião, tal como vistos por Feuerbach, são destituídos de uma essência transcendente. Isso porque, como pode ser compreendido nesse filósofo, o homem tem uma essência genérica (amor, razão e vontade), natural e ilimitada, que o anima, o conduz e o auxilia a superar limitações e a alcançar determinados progressos em sua vida, não necessitando, pois, da intervenção de um Deus em sua vida, como muitas vezes defende as religiões, sobretudo a cristã.

Para Ludwig Feuerbach, as concepções que o homem tem acerca do mundo, quando influenciadas pela perspectiva cristã, fazem com que ele tenha uma visão um tanto quanto prática do mundo, estando esse sempre submetido à explicação que tem por fundamento uma ordem transcendente e divina.

A religião cristã, ao justificar a existência do mundo em toda sua amplitude tendo como fundamento Deus, faz com que o mundo, em toda sua extensão, seja fruto do arbítrio de Deus, demonstrando, dessa forma, a dimensão egoísta de Deus e da religião, bem como a cisão entre Deus e o homem, conforme pensa o filósofo alemão.

Separação essa que é evidente nas formas como a religião vê a relação entre Deus e o homem, sendo Deus, de uma maneira geral, sempre superior ao homem – obra de sua criação. Feuerbach não descarta a possibilidade de que quando a religião impõe essa relação dicotômica entre Deus e homem ela seja vista como uma negação do próprio homem.

Contudo, essa dicotomia que é possível perceber entre Deus e o homem, tal como se apresenta no âmbito da religião e destacada por Feuerbach, não se restringe somente a essa relação. Isso porque o homem, dentro da perspectiva da religião cristã, se relacionará de maneira semelhante com a Natureza.

Essa oposição entre o homem e a natureza fica clara pelo fato de pressupor determinadas características, tais como: transitoriedade, finitude e nulidade da existência do homem, que não são metas dele. Sabendo-se que o homem, quando inserido na religião, buscará, no final de tudo, uma vida extramundana, atemporal e sobrenatural.

Entretanto, em Feuerbach não iremos ver nenhuma dessas duplas separações: Deus e Homem; Homem e Natureza. Isso porque para o filósofo, a concepção de Deus funda-se, essencialmente, a partir do próprio homem. Nesse sentido, os homens formam todos os tipos de deuses conforme suas semelhanças, não podendo, assim, Deus estar separado do homem. Já a natureza não seria distinta do homem, devido ele ser, fundamentalmente, pertencente a uma essência natural (amor, razão, vontade), não sendo pertinente, assim como é visto na religião cristã, uma cisão entre o homem e a natureza.

A religião, por sua vez, também perderá sua essência outrora entendida como transcendente, sobre-humana e divina, pelo fato de ela ser apreendida pela perspectiva feuerbachiana como sendo a revelação da essência do homem. Não existindo, assim, na religião, um plano transcendente.

Isso significa que a religião, para esse filósofo, pode ser entendida como a manifestação mais íntima do homem. Isso porque o homem revela em um ser que ele denomina Deus os seus desejos, fraquezas, imagens e até mesmo dimensões da sua personalidade.

Dessa maneira, cada vez mais, reforça-se a teoria desse filósofo de que a religião, ao invés de ser interpretada à luz da transcendência, apresenta-se como sendo algo meramente humano, limitado, imperfeito e finito de se falar das coisas divinas. Tornando assim possível, relacionar a religião com ideias tais como: antropoteísmo (a religião de um Deus que é humano), antropomorfismo (a representação de Deus sob forma humana), antropatismo (a representação de Deus como dotado de afetos humanos).

É possível perceber, assim, em Feuerbach, no que diz respeito ao conteúdo da religião, ou seja, Deus, que ele além de ser a objetivação da essência do homem, não estará

relacionado à sua dimensão misteriosa e transcendente. Isso porque os mistérios que outrora se atribuíam a Deus estariam selados em traços fundamentalmente da natureza humana, imanente.

A descaracterização da religião, empreendida por Feuerbach em sua noção sobrenatural e divina, encontrará um maior respaldo em sua teorização no que diz respeito à relação entre sujeito e objeto.

Nessa relação, Feuerbach enfatiza ser a essência do homem o que realmente é revelado e não a presença de Deus, como se postula na religião. Ou seja, têm-se aí a ideia de que a religião é a objetivação da essência do homem, fato esse que somente reforça a tese feuerbachiana de que a teologia é antropologia.

Vê-se também, no decorrer do presente trabalho, que a posição da religião em não aceitar que se determine a essência de Deus pelos predicados busca afirmar, de um modo geral, a ideia de um Deus que não pode ser conhecido plenamente, pois para a religião determinar a essência de Deus por meio dos predicados é um tanto quanto irreligioso e ateu.

No entanto, vale destacar que a ênfase feuerbachiana, no que se refere a qualificar a religião como algo fundamentalmente humano, pode ser evidenciada – mesmo que de forma ainda inicial – no momento em que ele estabelece diferenças essenciais entre o homem e o animal, elucidando que, além da consciência em sentido estrito, a religião é algo que os distinguirá.

O escopo estabelecido por esse pensador, ao se referir à religião, assim como pode ser visto, atingirá seu auge no momento em que ele requerer para o objeto fundamental da religião, ou seja, Deus, peculiaridades fundamentalmente humanas, capazes de não carregarem em si os resquícios abstratos, sobrenaturais e divinos que a teologia a Deus relacionava. Para tal feito, concebe um Deus a partir da concepção humana expressada no sofrimento e no amor.

A interpretação a qual Feuerbach realiza sobre a religião poderá ser entendida, assim, por duas vertentes: a crítica e a genética. Na vertente crítica, Feuerbach é entendido como um filósofo naturalista, que reduz a religião e seus aspectos sobrenaturais a dimensões estritamente naturais. Na vertente genética, por sua vez, vemos Feuerbach utilizar um procedimento regressivo para com isso entender os procedimentos subjetivos que deram origem à religião.

Dessa maneira, na tentativa de também prosseguir com o debate que Feuerbach inicia a respeito do homem e da religião, o presente trabalho buscou apresentar como o filósofo Ludwig Andreas Feuerbach, homem do século XIX, concebeu em seu tempo essas duas instâncias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. 2ª. ed. Fundação Calouste Gulbekian, 2001.
- SERRAO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- SOUZA, Draiton Gonzaga. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 2 ed. Edipucrs, 1994.
- Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza*. / Deyve Redyson, Eduardo F. Chagas (organizadores) – São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.
- Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. / Eduardo F. Chagas, Deyve Redyson e Marcio Gimenes de Paula (Organizadores.) – Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BIBLIOGRAFIAS COMPLEMENTARES

- SOUZA, José Crisostómo. “*Feuerbach, crítica da religião, crítica da modernidade*”. In : Eduardo F. Chagas, Deyve Redyson e Marcio Gimenes de Paula (Orgs.). *Homem e Natureza em Ludwin Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p 241.
- KING, Winston L. *Religião* [Primeira Edição], in JONES, Lindsay (ed.) *Encyclopedia of Religion – Second Edition*. Chicago: McMilian, 2005, Tradutor: Agnaldo Cuoco Portugal (Brasília 2012). Pg. 7692-7701.
- SCHMIDT, Alfred. **Feuerbach la sensualidade emancipada**. Taurus Ediciones, S.A. 1975.
- Estrada Diaz, Juan Antonio. *Deus nas Tradições filosóficas, Vol I: Aporias e problemas da teologia natural*, Tradução Maria A. Dias – São Paulo: Paulus, 2003.
- Estrada Diaz, Juan Antonio. *Deus nas Tradições filosóficas, Vol II: Da morte de Deus à crise do sujeito*, Tradução Maria A. Dias – São Paulo: Paulus, 2003.
- Thrower, James. *Breve História do Ateísmo Ocidental*, Tradução Ana Mafalda Tello e Mariana Pardal Monteiro, São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- Heine, H. *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- Ludwig Feuerbach Um Manifesto Antropológico*, Alice Aleixo. Coleção: Artigos Lusofonia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.